

Os emergentes

Dois estudos feitos a partir da mesma base de dados do IBGE chegam a conclusão idêntica: entre 2002 e 2008, nas seis principais regiões metropolitanas do país, a pobreza encolheu e foi ampliada a classe média. Mas a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do governo, fazem diagnósticos diferentes. O Ipea prefere destacar o salário mínimo — de fato, uma das explicações para os ganhos de renda na base da pirâmide social — e o Bolsa Família. Essa visão, porém, deriva de um viés que tem condicionado o Ipea ultimamente a defender o assistencialismo e o intervencionismo estatal.

Assim, colocando-se na balança a interpretação do Ipea e a análise da FGV, que concede mais peso à recuperação do mercado de trabalho por causa da expansão da economia, conclui-se que o entendimento da Fundação Getúlio Vargas é mais completo. E reforça a certeza de que o futuro depende da maior liberação das forças da iniciativa privada, e não de aumentos do salário mínimo e da cobertura dos esquemas assistencialistas, porque estes têm limites estabelecidos pela questão fiscal (não é infinita a capacidade de o Estado expropriar, por meio de impostos, renda do contribuinte para gastá-la em custeio).

É irrefutável que sem o cresci-

mento econômico com inflação sob controle nada disso teria acontecido. Daí o acerto da reação do BC ao atacar o atual surto inflacionário com a principal arma que tem, os juros, mesmo que haja vacilações em outras áreas do governo. Detectada nas regiões metropolitanas, a ascensão de uma espécie de nova classe média — ela já congregaria 19,2 milhões de pessoas, cerca de metade da população economicamente ativa, a PEA — tem, ainda, implicações político-eleitorais.

É característica das classes médias o desejo de ascender mais, e num ambiente de tranquilidade social. O seu voto tende, então, a ser mais conservador. As sociedades com classes médias robustas ostentam mais estabilidade institucional. Considerando que uma aliança em que há partidos de esquerda completará oito anos de poder sem cair em tentações desestabilizadoras, o país pode sepultar de vez o salvacionismo e o golpismo como projetos de poder.

As pesquisas são mais um forte argumento a favor da melhoria do sistema educacional. Porque, para continuar a crescer, a economia necessitará de mão-de-obra mais bem formada, já escassa em alguns setores. É a educação um instrumento-chave para melhorar de forma consistente e perene a distribuição de renda no país. E não os programas assistencialistas do Estado.